

CAMPOS, Maria do Carmo. *A matéria prismada: o Brasil de longe e de perto & outros ensaios*. Porto Alegre, Mercado Aberto/ São Paulo, EDUSP, 1999. 312 p.
Resenhado por: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

UM CONVITE PARA O ENCANTAMENTO

Assim como o artista, na cena contemporânea, defronta-se com o impasse da criação frente a tempos acelerados, espaços descontínuos e percepções fragmentadas, também o crítico padece sob a influência dos mesmos males. Se não se pode atender mais a padrões realistas, colados a uma perspectiva unidimensional da realidade, a saída passa, necessariamente, pela experimentação, pela relatividade de sujeito e objeto, imersos num mundo que perdeu seu centro. Contudo, ainda assim é preciso ser capaz de dizer algo a respeito desse mundo, dar voz – mesmo que rouca – às múltiplas possibilidades de expressão e interlocução. Essa problemática constitui o cerne do volume de ensaios da professora Maria do Carmo Campos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A começar pelo gênero escolhido para o exercício crítico, o ensaio, tem-se uma medida da singularidade e do tom dos textos que compõem *A matéria prismada*. Esse gênero segue afeito, desde Montaigne, à inquietação do indivíduo que, ao pensar sobre o que o cerca, debruça-se, inevitavelmente, sobre sua humana e precária condição. É assim, pois, que refletir sobre literatura abre a possibilidade de trazer à tona outros saberes. Um exame inicial das quatro seções da obra aponta para a peculiaridade mais intensa da dicção encontrada pela autora: a unidade na diversidade. A primeira delas, “Algumas trilhas”, reúne os ensaios que dão consistência à voz crítica, centrada na ambivalência das obsessões acerca da identidade que percorrem as sociedades brasileira e americana. Na segunda seção, intitulada “O poético e o poema”, a autora discorre com fluidez sobre os meandros da poesia, mais uma vez pontuando as possibilidades de aproximações e afastamentos das poéticas de autores latino-americanos da contemporaneidade. Na seção seguinte, “As vezes do era uma vez”, o lirismo e a vinculação com a memória dão o mote para o exame da ficção de autores diversos como Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Machado de Assis e Erico Verissimo. Por fim, com “Outras linhas: pauta musical”, revela-se o toque sutil da leitora-ouvinte, que examina as ligações ora profanas, ora divinas entre artes afins, a música e a poesia.

Num de seus últimos livros, *Olhos de madeira: reflexões sobre a distância*, o historiador Carlo Ginzburg inquieta-se sobre as condições com que cada civilização, no contato com outras culturas, apreende novas formas de ver os acontecimentos, daí a possibilidade de alterar o sentido do passado, do presente e do futuro. Embora reconheça a dificuldade em torno da noção moderna de perspectiva, que permeia

nossa noção de história, Ginzburg observa que não se pode ignorar “o que no passado fez da perspectiva uma metáfora cognitiva tão poderosa: a tensão entre ponto de vista subjetivo e verdades objetivas e verificáveis”.¹ Essa tensão é o traço vigoroso que confere a mencionada unidade aos ensaios de *Matéria prismada*. Aliás, é o mote do primeiro ensaio, “O Brasil de longe e de perto: as lentes da cor local”, em que história literária e relatos variados são trazidos pela autora na discussão das “lentes” – de certa forma, das perspectivas – com que veio se constituindo uma imagem estereotipada do Brasil, notadamente em torno de signos de euforia e abundância. Tal distorção estaria sendo retificada por autores que falam de silêncio, deflagrador de um intervalo nessa visada. O caso de João Cabral é paradigmático:

Tudo se passa como se os poemas operassem com um sistema mais sutil de lentes capazes de garantir a percepção da proximidade sem perder de vista uma desejável distância.

(...)

*A matéria verbal expelida pelo poeta pernambucano parece fugir à reabsorção pelo leitor; por trair a tradição luso-brasileira na vertente confessional e, enfim e não sem importância, por não ser palatável ao gosto do pitoresco, em que pese o pacto com a cor local.*²

Em sintonia fina com o historiador, a ensaísta problematiza o modo de olhar, seja o Brasil, seja a tradição literária. Nesse sentido, cumpre ressaltar a multiplicidade de teorias – mais uma vez, as lentes – com que a crítica se constrói. Se nos primeiros textos a historicidade do dilema local *versus* universal assume um primeiro plano, nos ensaios sobre poesia a ênfase recai nos impasses contemporâneos sobre a representação e sobre a natureza da linguagem poética – e, para tal, a crítica literária cruza-se com as teses de pensadores como Michel Foucault, Walter Benjamin, Octavio Paz. É modelar a análise de “Analogia e repetição em *O cão sem plumas*”, em que os modos de composição poemáticos são revelados no intuito de provocar no leitor o questionamento sobre a própria condição de existência da palavra poética:

*As similitudes “arbitrárias” ou impossíveis entre rio e cachorro, entre mar e bandeira revelam a linguagem na medida em que – pela brutalidade da distância entre os termos aproximados – salva-se o resíduo de poesia, radicaliza-se o poema, evita-se a banalização do sentido.*³

Não só os aportes teóricos convivem em harmonia: o gênero narrativo encontra, igualmente, espaço de reflexão na obra. Os meandros da ética e os mecanismos da percepção ganham espaço na leitura dos prosadores. Em “Clarice Lispector e a vida danificada”, as teses de Adorno acerca da banalização da barbárie e da atrofia da experiência servem como suporte para o exame do modo como a brutalidade da existência é transfigurada na linguagem da escritora:

¹GINZBURG, Carlo. Distância e perspectiva: duas metáforas. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. p.197.

²CAMPOS, Maria do Carmo. *A matéria prismada: o Brasil de longe e de perto & outros ensaios*. Porto Alegre, Mercado Aberto/ São Paulo, EDUSP, 1999. p.36-37.

³Id.Ib. p.155.

Clarice trabalha um fundo anacrônico, um resíduo vital da história humana que se estabelece pela memória arcaica, como lugar de resistência à deterioração. Lê com sabedoria o pathos de nossa época, com ele estabelecendo a sua conversação. Assim, a existência da Macabéa em A hora da estrela é jogada contra um fundo que ultrapassa as noções com que a convenção interpreta (e justifica) a injustiça social. Signo do silêncio e da morte, Macabéa acaba funcionando como eixo de revitalização. O seu fim não é a morte, mas a redenção. Seus impulsos vitais brutalmente in-existentes revelam a barbárie das organizações sociais erigidas pela nossa cultura, seu silêncio ultrapassa as repercussões de uma biografia individual e denota mais amplamente uma impossibilidade de fala, uma deterioração da linguagem

Nesse comentário crítico evidencia-se, mais uma vez, a fértil conjugação de forma e conteúdo e de teoria e texto literário, uma característica dos ensaios de Maria do Carmo Campos. A diversidade do olhar convive com um método que se vai fazendo a cada texto, acostumando o leitor ao exercício da crítica e também da imaginação, posto que a matéria literária ilumina os textos que embasam a interpretação e por eles é iluminada. Como se pode constatar, as reflexões contidas no volume *A matéria prismada* dialogam entre si, operando a tensão da perspectiva preconizada por Carlo Ginzburg, no sentido de que, possivelmente, se fale melhor do mundo objetivo a partir de um ponto de vista subjetivo. E isso a arte contemporânea vem há tempos indicando, como explica a autora no ensaio “Passeio de intervalo: música e literatura”:

Tanto o poeta como o narrador suspeitam da expressão e da representação e podem afirmar – na intransitividade – uma escrita. A pluralidade dos estados de consciência, a agudização racional, a rêverie, a simultaneidade de vozes e gestos seriam captações múltiplas da fragmentação e da alogicidade na música e na literatura mais atuais.⁵

Fiel à natureza do ensaio, Maria do Carmo alia acuidade intelectual e liberdade de pensamento no exame da matéria eleita, prismada pelos variados ângulos de que se constitui sua perspectiva. A leveza do texto não é obscurecida pela densidade da reflexão, ao contrário, provoca no leitor o encantamento pelo objeto, de forma que nasce um desejo de ética, uma possibilidade de intervenção sobre o mundo. Sobre esse efeito, nada melhor do que o comentário de Clarice Lispector, citado em epígrafe pela autora: “Que não se acorde quem está todo ausente, quem está absorto está sentindo o peso das coisas”. Que assim o seja para os leitores.

⁴Id.Ib. p.195.

⁵Id.Ib. p.281.